

TENTÁCULOS EXTREMISTAS

O BOLSONARISMO E SEUS SATÉLITES
GANHAM TRAÇÃO NOS MUNICÍPIOS

por CLÁUDIO COUTO*

Findo o primeiro turno das eleições municipais de 2024, muito se falou sobre o crescimento da direita no Brasil, prenunciando a eleição de um Congresso ainda mais conservador em 2026, pois o melhor preditor da eleição congressional são as disputas municipais que a antecedem. Esclareçamos, porém, de qual direita se fala. Podemos falar de ao menos três no atinente ao sistema partidário.

Uma é aquela direita tradicional, formada pelos partidos que correspondem ao conjunto conhecido como “Centrão”. Trata-se de uma direita pragmática, mais do que ideológica, que historicamente hipotecou apoio aos governos em troca de dois benefícios materiais: cargos na administração pública direta ou indireta e recursos do orçamento público. Tal *modus operandi* de trocar apoio por cargos e verbas, conhecido como fisiologismo, é o que me faz denominar tais agremiações como partidos de adesão. Aderem a quaisquer governos, desde que recompensados.

Devido ao cada vez maior controle do or-

çamento público pelo Congresso, retirando do Executivo a possibilidade de barganhar a liberação de recursos como contrapartida à lealdade parlamentar, o *modus operandi* dessas agremiações mudou. Nos últimos anos, elas puderam hipotecar cada vez menos apoio ao governo, pois dependem menos dele. Ou seja, os partidos de adesão já não são tão aderentes. Ainda que o Executivo ceda espaços na máquina aos partidos, seja na chefia de ministérios, seja em postos na burocracia pública, tem menor capacidade para manter a lealdade dos congressistas individualmente. Isso lhes permite, sem deixarem de ser pragmáticos, se tornarem mais ideológicos.

**OS PARTIDOS DO
DITO “CENTRÃO”
TIVERAM UM
DESEMPENHO
PRÓXIMO DA SUA
MÉDIA HISTÓRICA**

Uma segunda direita (ou centro-direita) é formada por partidos que não atuam (ou atuaram) como de adesão. É o caso do PSDB, do PFL/DEM e do PPS/Cidadania. Essas agremiações sustentaram o governo de Fernando Henrique Cardoso e se mantiveram firmes na oposição às gestões petistas. O PPS, a bem da verdade, chegou inicialmente a integrar a coalizão de Lula, mas durou pouco. Foram partidos mais vertebrados ideologicamente e menos pragmáticos na barganha de apoio por recursos governamentais. Por isso mesmo sofreram na oposição.

Finalmente, há uma terceira direita, mais nova e ideológica, a extrema-direita. Embora sempre tenha tido representantes esparsos por diversas agremiações, não era dotada de maior coesão até o advento do bolsonarismo. Chegou ao poder como movimento, não como partido, circunstancialmente abrigada no PSL que elegeu Jair Bolsonaro, além de contar com os esparsos de sempre. O bolsonarismo no governo abriu campo para o seu avanço e consolidação. Incapaz de criar um grande partido no qual pudesse



O fenômeno
extrapolou a
Avenida Paulista

se organizar, acabou por ingressar massivamente no antes adesista PL de Valdemar Costa Neto, transformando-o em seu principal, mas não único, instrumento de ação eleitoral. O Novo é um satélite nanico desse extremismo direitista hegemônico pelo bolsonarismo.

Feito o mapeamento, podemos avaliar como os partidos se saíram no primeiro turno destas eleições municipais. A direita pragmática correspondente dos partidos de adesão sempre foi predominante nas disputas locais. Essas agremiações conquistaram, em média, 68% dos municípios, considerando-se todos os certames municipais desde 1982 (excetuados os de 1985, quando só capitais e algumas outras cidades elegeram prefeitos, totalizando 201 disputas). Nas eleições deste ano foram conquistados 71% dos municípios em disputa no primeiro turno – isto é, um montante muito próximo da média histórica.

A direita e o centro-direita ideológico moderado, por sua vez, conquistaram, em média, 19% dos municípios nos pleitos municipais, atingindo o ápice em 2000, últimas eleições locais do período FHC, quando abischoitou 39% das vitórias. No primeiro turno de 2024 obteve magérrimos 6%, já desfalcada do PFL/DEM, que se juntou

ao PSL ex-bolsonarista para formar um novo partido de adesão, o União Brasil.

A novidade deste ano é a extrema-direita municipalista, que conquistou 10% das prefeituras no primeiro turno (e poderá aumentar sua fatia no segundo) com as vitórias do PL e do Novo. Como antes não havia uma extrema-direita centralizada partidariamente nessas agremiações, não há como considerar tal crescimento em perspectiva histórica. Pode-se afirmar, contudo, que essa fatia de municípios conquistada pela extrema-direita não é reflexo local de disputas nacionais, mas resultado da estruturação desse segmento no plano municipal. Isto é, a extrema-direita ganhou nos municípios porque está implantada neles.

Ea esquerda? Essa tem sofrido muito desde 2016, quando seu principal partido, o PT, sofreu uma debacle, perdendo 60% de seus prefeitos e vereadores – naquelas eleições, a esquerda como um todo ganhou 21% das prefeituras. O melhor momento da esquerda municipalista foi em 2012, quando cacifou 28% dos governos locais. Após o trágico ano do *impeachment* de Dilma Rousseff, da re-

cessão causada pela política econômica de seu governo e do apogeu da Operação Lava Jato, a esquerda não se recuperou do baque. Em 2020 teve resultados ainda piores do que quatro anos antes, ameaçando apenas 15% dos governos locais. E, finalmente, em 2024, ganhou apenas 14% das disputas travadas no primeiro turno.

Enfim, a novidade de 2024 não é um suposto crescimento dos partidos do “Centrão” nos municípios. Isso não ocorreu, pois essas agremiações ficaram pouco acima da média histórica. Um aspecto a ser ressaltado é o desmilinguir do centro-direita representado pela Federação PSDB Cidadania. Comparada ao resultado de quatro anos atrás, ela foi reduzida à metade: de 12% para 6% das municipalidades. Se considerarmos o DEM ainda parte desse grupo em 2020, o tombo foi ainda maior: de 21% para 6%. Mas talvez seja mais acurado dizer que naquele momento o antigo PFL já havia virado “Centrão”. Portanto, de singular mesmo sobra uma coisa: o surgimento de uma extrema-direita partidária implantada nos municípios. Ela cresceu no espaço aberto pelo declínio do centro-direita e da esquerda. •

**Cientista político, professor da FGV-EAESP.*